

# Repensando a(s) teoria(s) da Cibercultura: articulações e tensões com as teorias da Comunicação

## *Rethinking Cyberculture theories: connections and tensions with Communication theories*

**Luís Mauro Sá Martino**

lmsmartino@gmail.com

*Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP.*

### **Resumo**

Este texto delinea algumas apropriações da Cibercultura no pensamento teórico da área de Comunicação. São trabalhadas três proposições: (a) A incorporação da Cibercultura pela Comunicação não foi acompanhada por uma articulação com os estudos da área; (b) Há uma tensão entre Cibercultura e Teorias da Comunicação sobre fronteiras epistemológicas; (c) Notam-se, nas teorias da Cibercultura, desenvolvimentos metodológicos em tensionamento com a Comunicação. A partir disso, pensa-se uma organização tentativa das reflexões teóricas da Cibercultura na área de Comunicação.

**Palavras-chave:** comunicação, epistemologia, cibercultura.

### **Abstract**

This paper outlines some problems in the relationship between Cyberculture and Communication theories. The text focuses on three main aspects: (a) The growth of Cyberculture has not been matched by Communication studies; (b) There is a regular tension between Cyberculture and Communication theory concerning their epistemological boundaries; (c) Cyberculture stand in tension with communication theories in epistemological concerns. Finally, this paper attempts to arrange Cyberculture theories in Communication studies.

**Keywords:** communication, epistemology, cyberculture.

## **1. Introdução**

Uma maneira de iniciar este texto é reconhecer os débitos de origem e as tramas com as quais procura interlocução. O título e alguns aspectos da proposta são referência a um texto de Lima (1983) sobre as perspectivas que pautam o discurso teórico da área de Comunicação. Sua indicação da pluralidade de teorias ligada às ambivalências do conceito de “Comunicação” é um dos indicadores que orienta este trabalho. As condições de reflexão semelhante sobre as elaborações teóricas sobre Cibercultura levam à segunda fonte do texto.

O objeto de investigação é sugerido pelo debate sobre as relações entre Cibercultura e a Epistemologia da Comu-

nicação, em particular suas elaborações no âmbito das Teorias da Comunicação. Essa intersecção, permeada de tensões, propõe novos problemas à definição dos limites e possibilidades teóricas na área, como se nota nas discussões de Trivinho (2001), Albuquerque (2002), Felinto (2010) e Rüdiger (2002; 2011) e na tripla interlocução entre Felinto (2011), Pimenta (2011) e Ferreira (2012).

Não serão discutidas aqui as Teorias da Cibercultura, seus autores ou conceitos, mas busca-se tensioná-las, enquanto espaço de reflexão relativamente autônomo, com as Teorias da Comunicação.

A expansão das mídias digitais, da Internet e da Cibercultura coloca um desafio epistemológico à Comunicação

na constituição de um referencial para análise de fenômenos empíricos – qualidade esperada, lembram Gane e Beer (2008, p. 12), de conceitos e teorias.

Desse pano de fundo emergem algumas inquietações deste texto: qual a relação das matrizes epistemológicas da área de Comunicação com a Cibercultura? Se, como parece, existe, em algumas reflexões sobre Cibercultura, uma espécie de tentativa – ou tentação – de zerar o cronômetro da pesquisa em Comunicação e, a partir da Internet, indicar “grau zero” da teoria, de qual “Teoria da Comunicação” se está falando? Quais das inúmeras elaborações teóricas definidas como “Teorias da Comunicação” foram invalidadas pela Cibercultura? Por outro lado, não seriam as Teorias da Cibercultura também “Teorias da Comunicação” na medida em que o conceito de Comunicação é elástico o suficiente para se articular com as interações mediadas por tecnologias eletrônicas? O debate é feito como participante do jogo, sem a ilusão da “visão de lugar nenhum”, mas nos laços das práticas cotidianas.

O texto se desenvolve em três partes: (1) Situar a discussão e as apropriações da Cibercultura no âmbito das problemáticas epistemológicas da Comunicação, em particular no discurso das suas teorias; (2) Delinear tensões internas das reflexões teóricas sobre Cibercultura, suas especificidades, rupturas e continuidades; (3) A partir disso, propõe-se uma organização tentativa e inicial, a partir de critérios epistemológicos, de algumas das reflexões teóricas em Cibercultura. Não se busca aqui a revisão de metodologias, elaboradas já por Correa (2006) ou Frago, Recuero e Amaral (2011).

## 2. Pensar a Cibercultura em uma sociedade em mediação

Seria talvez um truísmo indicar que os discursos teóricos de uma área são construídos, não dados, e constituídos a partir de uma lógica na qual se articulam, além de propostas epistemológicas, a inscrição em discursos teóricos anteriores na construção de genealogias e as movimentações nas micropolíticas da atribuição de significados específicos a determinados conceitos, sem reduzir o epistemológico ao político – cf. Ferreira (2003) ou Martino, L. M. (2011).

Longe de serem estabelecidos e fechados, os significados dos discursos teóricos de uma área parecem se caracterizar como pontos de flutuação. A atribuição de sentido é um espaço de dissenso, e a compreensão dos significados em disputa talvez contribua para a compreensão do tema. No caso das tensões entre Teorias da Comunicação e Teorias da Cibercultura apontadas por alguns autores, vale a pena examinar algumas proposições desse diálogo.

De certa maneira, a sucessão de perspectivas e modelos teóricos da Comunicação desenvolvidos no século 20 está

vinculada às limitações de modelos anteriores para dar conta dos cenários estabelecidos pelos vários componentes do fenômeno comunicacional.

As teorias, assim como os fenômenos que estão na origem de sua elaboração conceitual, não escapam de seu contexto histórico e social como elementos constituintes de sua realidade fenomênica, à qual o discurso científico e acadêmico procura agregar ideias na busca de uma melhor compreensão.

Assim, a constituição de Teorias da Comunicação, ou o que se poderia chamar de Teorias “clássicas” da Comunicação, acontece em uma ambiência midiática marcada pela dicotomia, conceitual e real, entre os meios de comunicação e a sociedade, constituindo-se como instâncias articuladas, mas separadas no que diz respeito às suas dinâmicas e processos.

Como lembra Hjarvard (2013, p. 8 e ss.) em seu estudo sobre o conceito de mediação, as Teorias da Comunicação são formuladas dentro um espaço no qual “mídia” e “sociedade” são instâncias distintas, articuladas em alguns processos nos quais os agenciamentos, sobretudo, são creditados a uma ou outra instância, sejam os meios ou a sociedade.

Nesse aspecto, o conceito de mediação, tal como trabalhado por diversos autores – veja-se, por exemplo, Braga (2010), Ferreira (2007), Gomes (2006) e Fausto Neto (2006) ou, em outra matriz, Couldry (2006), Hjarvard (2008) e Lundby (2009) –, procura superar essa dicotomia sugerindo que não se trata de observar de que maneira há uma “influência da mídia” na sociedade ou “usos da mídia” por indivíduos e grupos, mas, em uma relação articulada, processual e não isenta de contradições, como são operacionalizadas modificações nas práticas sociais decorrentes do processo de mediação da sociedade – no qual atuam, de maneira decisiva, as mídias digitais como constituintes do ciberespaço e, por conseguinte, da Cibercultura. Como recorda Strömback (2008), o processo de mediação da sociedade parece estar diretamente ligado aos ambientes midiáticos dentro dos quais isso ocorre, da escrita ao digital.

Dessa maneira, se as Teorias da Comunicação nascem no ambiente midiático constituído pelos dispositivos técnicos de transmissão em larga escala, as Teorias da Cibercultura nascem no ambiente cognitivo, técnico e político de uma sociedade em mediação.

Isso, no entanto, parece sugerir questões adicionais: ao se falar em Teorias da Cibercultura em uma sociedade em mediação, em que medida não se está também falando, em essência, de um processo de comunicação? E, como tal, não seria possível mencionar, pensando estritamente nesse sentido, que as Teorias da Cibercultura estariam no rol das teorias que se debruçam sobre esse tipo de processo e, portanto, ligadas às Teorias da Comunicação?

Vários autores, a partir dessa perspectiva, elaboram reflexões críticas a respeito dos limites das Teorias da

Comunicação para dar conta do mapeamento conceitual dos espaços da Cibercultura. Para mencionar apenas duas das perspectivas, Trivinho (2001) menciona a “implosão” das Teorias da Comunicação na Cibercultura, na medida em que os paradigmas teóricos que até então haviam orientado a comunicação tomavam como ponto de partida um referente linear, enquanto Felinto (2011) elabora uma série de considerações a respeito das tensões entre Teorias da Comunicação e Teorias da Mídia.

Quando se considera que o objeto da área está restrito aos meios de comunicação, nesse caso as teorias voltadas para os meios de massa talvez se mostrem insuficientes para dar conta dos cenários contemporâneos da Cibercultura. No entanto, em uma perspectiva denominada por vezes “relacional”, na qual inter-relações entre sujeitos formam o objeto de reflexão, como desenvolvem, em perspectivas diversas, Braga (2010), Marcondes Filho (2010), Baitello Jr. (2005) e Wolton (2011), não seria possível arrolar a Cibercultura como uma das “Teorias da Comunicação”, tomando a palavra “comunicação” em seu sentido mais amplo?

Isso parece ocorrer igualmente em termos da definição de uma área.

Ao se indicar tensões *entre* Teorias da Cibercultura e Teorias da Comunicação, é possível entender, de saída, que os discursos teóricos da Cibercultura seriam distintos daqueles da Comunicação. Isso remete a indefinições existentes, como apontam Williams (1976) e Lima (1983), no conceito de comunicação.

Seria o caso de considerar “Comunicação” como sendo uma área maior, da qual a Cibercultura faria parte, e, nesse sentido, as “Teorias da Cibercultura” permaneceriam como um grupo dentro das “Teorias da Comunicação”? Ou, por outro lado, deve-se entender “Teoria da Comunicação” como “Teoria da Comunicação de Massa”? Nesse caso, haveria de fato uma ruptura quando se trabalha com a Cibercultura como um dos elementos definidores de uma sociedade em mediatização por conta do meio ou suporte físico – o computador e outros dispositivos correlatos – no qual ela se desenvolve?

Ou trata-se de uma retomada das chamadas “teorias do meio”, o que dificultaria a localização de uma especificidade das Teorias da Cibercultura? Ao que tudo indica, é possível encontrar ambas as abordagens dentro da pesquisa em Cibercultura, desde as perspectivas a respeito da *performance* de meios e suportes até as investigações a respeito das reconfigurações do sujeito dentro desses ambientes.

Esses deslocamentos e interrogações encontram suas raízes em problemas não só epistemológicos, mas também ligados de alguma maneira à formação histórica de um – questionável e questionado – “cânone” das teorias presentes na área de Comunicação. Esses estudos ocupam um lugar considerável nas pesquisas sobre Comunicação, algo que pode ser verificado tanto pela presença do tema

em espaços institucionais, como Grupos de Trabalho e Núcleos de Pesquisa dos principais eventos acadêmicos, quanto pelo volume de publicações e pela transversalidade do tema com outros segmentos específicos da área.

No entanto, apesar desse crescimento, a discussão sobre os fundamentos epistemológicos das teorias que orientam os estudos dessa área aparentemente ainda não está representada, em termos numéricos, pela mesma quantidade de estudos relativos a uma epistemologia da Comunicação. As modalidades que se mesclam com a Cibercultura nos estudos de Comunicação reforçam o espaço dedicado a esses estudos concentrados na área de Comunicação. Se a afiliação à área parece evidente, a articulação dos estudos de Cibercultura nas investigações epistemológicas da Comunicação não parece tão simples.

O exame dos 17 livros intitulados “Teoria da Comunicação” lançados no Brasil depois de 1995 – portanto, após a liberação comercial da Internet no país – indica um panorama diverso. Do total das obras, cinco (Santos, 2003; Temer & Nery, 2009; Martino, 2009; Ferreira, Hohlfeldt, Martino e França, 2010; Nunes, 2011) efetivamente dedicam-se a discutir questões relativas à Internet. Dedicado às Teorias da Cibercultura, no entanto, há o trabalho de Rüdiger (2011).

Isso não significa dizer que não existam discussões relevantes sobre uma epistemologia da Cibercultura; ao contrário, a discussão a respeito de seus fundamentos desenvolve-se no âmbito dos próprios trabalhos de análise. As discussões sobre os fundamentos das Teorias da Cibercultura aparentemente ainda não se desdobraram como domínio específico, em que pese, evidentemente, a existência de textos endereçados à questão – seria possível citar, por exemplo, Correa (2006), Felinto (2010; 2011), Rüdiger (2011), Fragoso, Recuero e Amaral (2011) e Perani (2010).

Em outras palavras, enquanto há um crescente volume de pesquisas explorando as problemáticas da Cibercultura a partir de diversas bases teóricas e conceituais, as pesquisas sobre os fundamentos das teorias existentes na área parecem não seguir o mesmo ritmo.

Por conta disso, vale desdobrar a questão buscando compreender alguns dos elementos responsáveis por constituir a especificidade das Teorias da Cibercultura questionando quais são os pressupostos na formação das reflexões teóricas sobre o tema.

### 3. Ambivalências da Cibercultura na Epistemologia da Comunicação

Um mergulho nos estudos de Cibercultura indica, como problema inicial, a variedade que poderia deixar um novato perplexo diante do número de palavras usadas para definir as realidades desse campo. Felinto (2010, p. 1) destaca a “insuficiência epistemológica e vocabular” da área, enquanto Fragoso, Recuero e Amaral (2011), em um exame

das propostas metodológicas, apontam as ambiguidades e indefinições da pesquisa sobre Internet. Na miríade de nomes e propostas encontrados no título de teses, dissertações, artigos, apresentações orais destacam-se “cibercultura”, “Internet”, “ciberespaço”, “redes sociais”, “mídias digitais”, “web”, “culturas digitais”, “online”, “ambientes virtuais” e correlatos que se relacionam de diversas formas, seja como sinônimos, seja como categorias específicas em definição.

As diferenças de nomenclatura não são fortuitas, e nem todos os estudos podem talvez ser considerados como vinculados à “Cibercultura” conforme a aceção que se der a esse termo – pode-se questionar, por exemplo, se uma pesquisa sobre o uso de uma rede social digital por uma corporação efetivamente pertenceria a essa rubrica. No entanto, tomando-se como indicador uma certa indeterminação na especificação dos vários conceitos que cobrem essa área, pode-se, por outro lado, entender que um estudo desse tipo está, de fato, relacionado com a “Cibercultura”.

Em uma indicação fenomenológica, um dos mais relevantes elementos distintivos das problemáticas vinculadas à Cibercultura é a interação humana mediada por um dispositivo digital. Esse elemento digital, objetivado materialmente em dispositivos midiático-computacionais, permite um tipo de interação entre seres humanos desconhecido, ou mesmo impossível, em outras mídias.

Em que se constitui essa interação, suas possibilidades e limites, bem como suas intersecções com outras áreas do fazer/pensar/ser humano é uma questão que se erige em objeto de debate teórico-prático dentro da área de Comunicação. Parte dedica-se a aspectos técnicos ou receituários escritos pelos chamados “gurus” ensinando como utilizar Internet, mídias digitais, redes sociais e outros termos relacionados (Siegel, 2008; Felinto, 2010). Parte desses agrupamentos é feita tendo como ponto de partida o posicionamento mais ou menos crítico do autor – como indicam, em perspectivas diferentes, Lemos (2002) e Rüdiger (2010), “tecnófilos” e/ou “tecnófobos”, divisão na qual se encontram, recorda Moragas Spa (1997), ressonâncias dos “apocalípticos” e “integrados” de Umberto Eco (1995).

#### 4. Dinâmicas das reflexões teóricas sobre Cibercultura

Algumas das ambivalências presentes nas Teorias da Cibercultura podem ser observadas a partir de um agrupamento sinótico de algumas reflexões. O que se busca é uma “organização” tensionada com conceitos existentes, mais do que uma “classificação”, na medida em que esta palavra pode carregar uma perspectiva rígida que de maneira alguma é procurada aqui.

A opção pela apresentação em uma tabela, procedimento adotado nas proposições sinóticas feitas, no caso

das Teorias da Comunicação, por Lima (1983; 2001), Marcondes Filho (2002) e Torrico Villanueva (2010), não significa uma criação de fronteiras, mas uma observação panorâmica de laços teórico-epistemológicos. Optou-se por ressaltar os autores estrangeiros, deixando para um outro momento menções ao pensamento brasileiro na área, o que demandaria um estudo particular. Assim, em uma proposição tentativa, é possível pensar nos aglomerados teóricos presentes na Tabela 1.

É certo que nem todos os nomes apontados poderiam ser considerados, de imediato, como autores da “Cibercultura” no sentido amplo e comum do termo. No entanto, pensando com Rüdiger (2011, p. 8) que “os computadores e a internet já são, eles mesmos, efeitos do que, estrito senso, se pode chamar de cibercultura”, os vínculos com as genealogias da área ficam mais visíveis.

A título de ilustração, algumas palavras-chave do léxico da Cibercultura derivam de textos anteriores mesmo à liberação comercial da internet – “Ciberespaço” está no “Neuromancer”, de William Gibson (2005) nos anos 1970, “Cibernética” foi desenvolvido por Wiener (1965 [1957]) nos anos 1950, e “Ciborgue” foi teorizado por Haraway (1990) décadas atrás. A presença de autores de décadas anteriores à de 1990 se dá por sua referência em textos contemporâneos.

É possível localizar os primeiros estudos sobre os meios de comunicação como agentes de transformação na chamada “Escola de Toronto” ou “primeira geração” da Teoria do Meio (Meyrowitz, 2000; Sousa, 2009). Desenvolvendo o que poderia ser visto como uma “filosofia da história” de base tecnológica, Innis (2006), Havelock (1963), Ong (1990) e McLuhan (2003) indicaram, com as respectivas diferenças, os efeitos transformadores das tecnologias de comunicação na história. O objetivo é a relação entre as formas materiais de comunicação e as macrotransformações políticas e históricas, tendo como objeto desde a escrita, vista como tecnologia fundante do Ocidente moderno, até a televisão. O objeto dessa análise macro-histórica é a “mídia” entendida em sentido estrito, como o suporte material de mensagens com as quais se vincula de maneira indelével.

Alguns aspectos dessa vertente são expandidos em várias direções pela segunda e terceira geração da Teoria do Meio, bem como pelos precursores da Cibernética, como Wiener. No primeiro caso, muda o meio com a incorporação do computador, de um lado, e na preocupação com elementos da escala micro, como as relações do ser humano com as linguagens digitais – caso de Johnson (2010), De Kerckhove (1995) e Manovich (2001). Wiener, por sua vez, introduz a percepção da tecnologia em relação com o ambiente social no desenvolvimento de suas pesquisas. A perspectiva de mídia varia, mas é enfatizada a perspectiva físico-material dos suportes em sua relação com o cognitivo e, de modo mais amplo, com o humano.

Tabela 1 – Eixos temáticos da Cibercultura na Comunicação.

Visão de mídia e/ou Internet	Contexto	Tecnologias principais	Âmbito	Metodologias	Referenciais próximos	Alguns autores
Agente de mudança	Toronto (Canadá), 1950s	Escrita, Comunicação de Massa	Macro (Histórico)	Estudos de Caso; Análise Histórica	Filosofia da História	Innis, Ong, Havelock, McLuhan
Ambiente & Linguagem	EUA, 1960s, 1980s; Toronto, 2000s	Escrita, Comunicação de Massa, Computador	Macro (Sócio-Histórico)	Teoria dos Sistemas; Análise de Enquadramento	Psicologia Social; Ciências Cognitivas	Wiener, Meyrowitz, Johnson, Manovich, De Kerckhove
Mediador de relações pessoais	EUA, Europa, América Latina, 1990s	Computador; <i>Smartphones</i> ; <i>Tablets</i> ; Inteligência Artificial	Micro (Interpessoal)	Estudos de Caso	Psicologia; Política	Turkle, Baym, Papacharissi, Wellman
Formação de Identidades & Culturas	EUA, Europa, América Latina, 1990s	Computadores	Micro/Macro (Individual/Social)	Estudos de Caso; Análise Cultural	Análise de Discurso; <i>Media Studies</i>	Haraway, Lévy, Turkle, Siegel, Jenkins, Deuzer
Redes Sociais	EUA, 1960; EUA, Europa, América Latina, 2000	Redes de Computador; <i>Smartphones</i> ; <i>Tablets</i>	Micro/Macro (Individual/Social)	Análise lógico-matemática; análise relacional e de discurso	Matemática; Ciências Sociais	Barnes, Baran, Granovetter, Benkler, Castells
Espaço de tensão política, hegemonia e resistência	Europa, 1990; América Latina, 2000	Redes de Computadores; <i>Smartphones</i> ; <i>Tablets</i>	Macro (Social/Político)	Crítica política; Análise Cultural; Estudos Culturais	Teoria Crítica; Materialismo Histórico	Castells, Nayar, Dahlgren, Wolton, Keen, Canclini, Sarlo

Fontes: Lima, 1983; Lima, 2001; Gane & Beer, 2008; Nayar, 2010; Rüdiger, 2011.

O estudo da presença das mídias no cotidiano, tendo como mídia principal de análise as tecnologias de comunicação portáteis, procura entender, a partir de um ponto de vista político, sociológico e psicológico, de que maneira as relações pessoais mediadas se transformam – em outras palavras, como as mídias digitais, a Internet e a Cibercultura transbordam para a vida desconectada. Turkle (2011), Siegel (2008), Baym (2010) e Papacharissi (2010), estas com maior implicação política, remetem a esse tipo de análise. Sua perspectiva trabalha diretamente com o computador, deixando em segundo plano outros dispositivos, e, nas metodologias, pode-se destacar uma perspectiva sociocultural de interação. O objeto, aqui, desloca-se das mídias para as culturas.

No mesmo sentido, mas tendo como foco especialmente (mas não unicamente) a produção cultural dentro dos ambientes da Internet, os estudos sobre a formação de identidades, interações entre avatares, relacionamentos digitais e práticas culturais diversas são outra vertente relativamente comum – tema trabalhado, sob pontos de vista diversos, por Lévy (1999) e Jenkins (2008). O objeto,

nestes casos, são as culturas originárias e/ou desenvolvidas dentro do ambiente das conexões. A ênfase está na cultura, mas não necessariamente na intersecção com os relacionamentos *offline*. Destaca-se, no entanto, o elemento de colaboração e produção coletiva.

O deslocamento do objeto para as redes sociais *online*, seja buscando suas especificidades, seja procurando compreendê-las na relação com as redes interpessoais desconectadas, providencia um corpo teórico específico, tomado de empréstimo às Ciências Sociais – notem-se, apenas a título de exemplo, as referências ao conceito de “capital social” no estudo das redes sociais. O exame das redes combina, em geral, um referencial da Sociologia, em contatos com pioneiros da teoria das redes, como Barnes (1954), Baran (1963) ou Granovetter (1983), para extrapolar as considerações nos ambientes digitais.

Finalmente, uma vasta gama de trabalhos procura compreender a cibercultura como espaço político de tensões, choques e resistências. Os fundamentos teóricos vão desde releituras criteriosas de Marx e do pensamento crítico nas análises de Castells (2010), Nayar (2010) ou Wolton

(2010) até o tom alarmista da crítica de Andrew Keen (2008). O objeto, no caso, constitui um elemento comum – a relação dinâmica e conflituosa entre a tecnologia e a cultura. O aspecto político, tanto no sentido de controle quanto de conflito, é ressaltado, enfeixando as discussões sobre Cibercultura no âmbito de uma pergunta a respeito da circulação de poderes dentro desse espaço.

A indicação de tendências evidentemente não permite, de imediato, a separação desses autores em universos estanques. Ao contrário, apenas as mesclas, hibridismos e diálogos podem dar conta de um objeto em constante mutação. A arquitetura da Internet, das redes sociais conectadas e das mídias digitais, com a possibilidade de interconexões, modulações e transformações, parece sugerir essa necessidade dinâmica de uma “teoria” capaz de se reestruturar para dar conta de seu objeto. E, nesse ponto, a tensão com as Teorias da Comunicação de alguma maneira encontra uma afinidade – ainda que negativa.

## 5. Considerações finais

A observação das relações dinâmicas, das aproximações, articulações e limites entre as Teorias da Comunicação e as Teorias da Cibercultura indicam uma tensão na definição de suas premissas epistemológicas básicas. Mais do que concluir, é interessante, portanto, identificar os movimentos, intersecções e paradoxos.

O primeiro ponto de tensão/articulação diz respeito às relações entre as Teorias da Comunicação e as Teorias da Cibercultura. De um lado, a apropriação da Cibercultura nas Teorias da Comunicação acontece de maneira esparsa e tardia. O exame da bibliografia específica da área mostra que as teorias específicas da Cibercultura ainda não foram incorporadas ao que poderia ser visto como o “cânone” da Teoria da Comunicação. Por outro lado, alguns estudos sobre Cibercultura advogam o esgotamento das Teorias da Comunicação clássicas em sua possibilidade de dar conta desse objeto. Nesse primeiro paradoxo, uma temática, a Cibercultura, é absorvida pela área de Comunicação sem ser, no entanto, incorporada às Teorias da Comunicação.

O segundo ponto refere-se ao esgotamento das Teorias da Comunicação no estudo da Cibercultura. Isso parece reduzir as Teorias da Comunicação a um agrupamento estático de conceitos, baseado em um modelo linear. Embora certamente esse tipo de modelo tenha orientado parte das pesquisas na área, há, dentro das Teorias da Comunicação, paradigmas diversos desse, alguns dos quais absorvidos como precursores pelas Teorias da Cibercultura. Isso conduz ao terceiro ponto.

Uma aproximação tentativa visando observar algumas reflexões teóricas sobre Cibercultura sugere indefinições semelhantes referentes a objetos, métodos e referenciais teóricos presentes nos estudos de Teoria da Comunicação.

A divergência na escolha e uso dos nomes – “Cibercultura”, “Cultura Digital”, “Mídias Sociais”, “Redes Sociais Digitais”, “Redes Sociais Conectadas” e assim por diante – sugere uma série de ambiguidades e disputas no que diz respeito ao campo da experiência coberto por esses conceitos.

Na medida em que a proposta deste trabalho é identificar momentos de articulação teórico-epistemológica dentro de uma lógica dialética, seria talvez despropositado, no final, encontrar soluções. Ao contrário, na identificação de contradições, tensões, rupturas e continuidades é possível encontrar questões e desafios teóricos que, no diálogo entre autores, conceitos e métodos, garantem a dinâmica de estudos da área. Uma aproximação que não está livre de conflitos e contradições, mas também plena de possibilidades de se encontrar novos horizontes conceituais.

## Referências

- ALBUQUERQUE, A. 2002. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*, 4(2), dez.
- BAITELLO, N. 2005. *A era da iconofagia*. São Paulo, Hackers.
- BARAN, P. 1963. *On distributed communication networks*. Santa Monica (CA), The Rand Corporation.
- BARNES, J. 1954. Class and committees in a Norwegian Island Parish. *Human Relations*, 7:38-58.
- BAYM, N. 2010. *Personal connections in the digital age*. London, Polity Press.
- BENKLER, Y. 2006. *The wealth of networks*. Yale, Yale University Press.
- BOASE, J.; WELLMAN, B. 2004. Personal relationships: on and off the internet. Online draft of PERLMAN, D.; VANGELISTI, A.L. *The Handbook of Personal Relations*. Cambridge, Cambridge University Press. (Book forthcoming 2006).
- BRAGA, J.L. 2006. Sobre mediatização como processo interacional de referência. In: XV ENCONTRO DA COMPÓS, São Paulo, Bauru.
- BRAGA, J.L. 2010. Nem rara nem ausente – tentativa. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”. In: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- CANCLINI, N.G. 2005. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- CASTELLS, M. 2010. *Communication power*. Cambridge (MA), MIT.
- CORREA, D. 2006. Estudos sobre comunicação e cibercultura no Brasil. *Razón y Palabra* [online], 11, Outubro-Noviembre. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520728005>. Acesso em: 06.03.2014.
- COULDRIY, N. 2008. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. *New Media Society*, 10:373-391.
- DAHLGREN, P. 2009. *Media and political engagement*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DE KERCKHOVE, D. 1995. *The skin of culture*. Toronto, Somerville.
- ECO, U. 1995. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva.
- FAUSTO NETO, A. 2006. Midiatização, prática social – prática de sentido. Trabalho apresentado ao GT “Políticas e Estratégias de Comunicação”. In: XV ENCONTRO DA COMPÓS, Bauru, Unesp.

- FELINTO, E. 2001. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”. In: XX ENCONTRO DA COMPÓS, Porto Alegre, UFRGS, jun.
- FELINTO, E. 2010. Em busca do tempo perdido. Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cibercultura”. In: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, Rio de Janeiro, PUC-RJ, jun.
- FERREIRA, G.M. et al. (orgs.). 2010. *Teorias da comunicação: trajetórias investigativas*. Porto Alegre, EdIPUCRS.
- FERREIRA, G.M.; HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C. 2007. *Teorias da Comunicação*. Salvador, UFBA.
- FERREIRA, J. 2003. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: A. LEMOS et al. (orgs.), *Mídia.br*. Porto Alegre, Sulina, p. 115-129.
- FERREIRA, J. 2007. Mídia: dispositivos, processos sociais e de comunicação. *E-Compós*, Compós, vol. 10, s. p.
- FERREIRA, J. 2012. Proposições que circulam sobre a Epistemologia da Comunicação. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”. In: XXI ENCONTRO DA COMPÓS, Juiz de Fora, UFJF, jun.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. 2011. *Métodos de pesquisa para Internet*. Porto Alegre, Sulina.
- GANE, N.; BEER, D. 2008. *New media: The key concepts*. London, Bloomsbury.
- GIBSON, W. 2005. *Neuromancer*. São Paulo, Aleph.
- GOMES, P.G. 2001. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo, Ed. Unisinos.
- GOMES, P.G. 2006. *Filosofia e Ética da Comunicação na mídiatização da sociedade*. São Leopoldo, Unisinos.
- GOMES, W.; MAIA, R. 2008. *Comunicação e democracia*. São Paulo, Paulus.
- GRANOVETTER, M. 1983. The strength of weak ties: a network theory revisited. *Sociological Theory*, 1:201-233.
- HARAWAY, D. 1990. A manifesto for cyborgs. In: L. JOHNSON (org.), *Feminism / Postmodernism*. London, Routledge, p. 190-233.
- HAVELOCK, E. 1963. *Preface to Plato*. Harvard, Belknap Press.
- HEIM, M. 1993. *The metaphysics of virtual reality*. Oxford, Oxford University Press.
- HJARVARD, S. 2013. *The mediatization of culture and society*. London, Routledge.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (orgs.). 2001. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis, Vozes.
- INNIS, H. 2006 [1957]. *The bias of communication*. Toronto, Toronto University Press.
- JENKINS, H. 2008. *Convergence culture*. Nova York, New York University Press.
- JOHNSON, S. 2010. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- KEEN, A. 2008. *The cult of the amateur*. London, Nicholas Brealey.
- LANKSHEAR, C. 2003. The challenge of digital epistemologies. *Education, Communication and Information*, 3(2):167-186, jul.
- LEMOS, A. 2002. *Cibercultura*. Porto Alegre, Sulina.
- LÉVY, P. 1999. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34.
- LIMA, V. 1983. Repensando a(s) teoria(s) da comunicação. In: J.M. MELO, *Teoria e pesquisa em comunicação*. São Paulo, Intercom/Cortez, p. 86.
- LIMA, V. 2001. *Mídia: teoria e política*. São Paulo, Perseu Abramo.
- LUNDBY, K. 2009. Media logic. In: K. LUNDBY (org.), *Mediatization*. New York, Peter Lang, p. 85-93.
- MAIA, R.; GOMES, W. 2008. *Comunicação e democracia*. São Paulo, Paulus.
- MANOVICH, L. 2001. *The language of new media*. Massachusetts, MIT Press.
- MARCONDES FILHO, C. 2002. *O espelho e a máscara*. São Paulo/Ijuí, Discurso Editorial/Ed. Unijuí.
- MARCONDES FILHO, C. 2010. *O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. São Paulo, Paulus.
- MARTINO, L.C. 2005. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: S. CAPPARELLI et al., *A comunicação revisitada*. Porto Alegre, Sulina.
- MARTINO, L.M. 2009. *Teoria da Comunicação*. Petrópolis, Vozes.
- MARTINO, L.M. 2011. A influência de fatores políticos na formação epistemológica do campo da comunicação no Brasil. In: I CONFIBERCOM, São Paulo, ago.
- McLUHAN, M. 2003. *Understanding media*. London, Routledge.
- MEYROWITZ, J. 1993. Images of media: hidden ferment – and harmony – in the field. *Journal of Communication*, 43(3):55-66.
- MEYROWITZ, J. 2000. Medium theory. In: D. CROWLEY, D. MITCHELL, *Communication Theory today*. Stanford, Stanford University Press, p. 50-77.
- MORAGAS SPA, M. 1997. Las ciencias de la comunicación en la ‘sociedad de la información’. *Revista Dia-Logos de la Comunicación*, 49:32, out.
- NAYAR, P. 2010. *An introduction to new media and cybercultures*. London, Blackwell.
- NUNES, A. 2011. *Teorias da Comunicação*. Maceió, Ed. UFAL.
- ONG, W. 1990. *Orality and literacy*. London, Routledge.
- PAPACHARISSI, Z. 2010. *A private sphere*. London, Polity Press.
- PERANI, L. 2010. Sobre cartas para um território singular. Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cibercultura”. In: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, Rio de Janeiro, PUC-RJ, jun.
- PIMENTA, F.J.P. Jogos, redes sociais e a crise no campo da Comunicação. In: 5º SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCiber, Florianópolis, UFSC, nov.
- RHEINGOLD, H. 2000. *The virtual community*. Cambridge, MA, MIT Press.
- RÜDIGER, F. 2010. *As teorias da cibercultura*. Porto Alegre, Sulina.
- RÜDIGER, F. 2011. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. *Revista Matrizes*, 5(01):45-61, jul./dez.
- RÜDIGER, F. 2002. *Elementos para uma crítica da cibercultura*. São Paulo, Hacker.
- SANTAELLA, L. 2011. *Matrizes da linguagem e do pensamento*. 3ª ed., São Paulo, Iluminuras.
- SANTOS, R. 2003. *As Teorias da Comunicação*. São Paulo, Paulinas.
- SIEGEL, L. 2008. *Against the machine*. New York, Serpent’s Tail.
- SILVA, S.P. 2010. Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura. Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cibercultura”. In: XVI ENCONTRO DA COMPÓS, Curitiba, UTP, jun.
- SOUSA, J. 2009. *Teoria do meio*. Brasília, Universa.

- STRÖMBÄCK, J. 2008. Four phases of mediatization: An analysis of the mediatization of politics. *International Journal of Press/Politics*, **13**(3):228-246.
- TEMER, A.C.P.; NERY, V. 2009. *Para entender as teorias da comunicação*. Uberlândia, Ed. UFU.
- TORRICO VILLANUEVA, E. 2010. *Comunicación, de las matrices a los enfoques*. Quito, Intiyan/Ciespal.
- TRIVINHO, E. 2001. *O mal-estar na teoria*. São Paulo, Quartet.
- TURKLE, S. 2011. *Alone together*. New York, Basic Books.
- WELLMAN, B. 2001. Computer networks as social networks. *Science*, 293:2031-2034, set.
- WELLMAN, B. 2004. The three ages of internet studies: ten, five and zero years ago. *New Media & Society*, **6**(1):123-129.
- WIENER, N. 1957. *Cybernetics*. Paris, Technology Press.
- WILLIAMS, R. 1976. *Keywords*. London, Fontana.
- WOLTON, D. 2010. *Internet, e depois?* Porto Alegre, Sulina.
- WOLTON, D. 2011. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre, Sulina.